

ENCRUZILHADAS DE RESISTÊNCIAS: PSICANÁLISE AMEFRICANA E O TERREIRO COMO SABER NEGRO DE CURA EXISTENCIAL

Kizye Lins¹

RESUMO: O ensaio apresenta a Psicanálise Amefricana como prática clínica e epistemológica articulada aos terreiros de matriz africana. A encruzilhada é compreendida como símbolo do encontro entre trauma colonial e ancestralidade, entre corpo e cosmos. O terreiro é descrito como laboratório de cura e resistência, onde o encantamento atua como método clínico, ético e político, restaurando ao sujeito negro sua agência e seu axé. A pesquisa adota uma abordagem teórico-poética e decolonial, analisando o terreiro como campo simbólico e terapêutico capaz de ressignificar o sofrimento psíquico por meio do saber ancestral e do cuidado coletivo. Conclui-se que a Psicanálise Amefricana, ao integrar espiritualidade, cultura e política, constitui um caminho de libertação e reencantamento da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise Amefricana; Terreiro; Encantamento; Axé.

ENCRUZILHADAS DE RESISTÊNCIAS: o Terreiro como Saber Negro

É no cruzamento da linha reta que a vida se dobra em encruzilhada, lugar de Exú e dos encantados, ponto onde os caminhos se bifurcam e o tempo se faz circular. A encruzilhada é corpo, território e terreiro — espaço onde o povo negro reinventa sua existência diante da violência colonial que tentou silenciar sua palavra, seu axé e sua ancestralidade. Como citam Raimundo e Hinkel (2022, p. 7),

¹ Kizye Lins dos Santos Dutra Kizye Lins é psicanalista decolonial afrocentrada, sacerdotisa de Umbanda e Quimbanda, feita no Santo há 18 anos. Atua como pesquisadora independente da ancestralidade e da filosofia africana yorubá, com ênfase em psicanálise antirracista, Black Psychology e clínica amefricana. Escritora de literatura infantil e autora do Manual Terapêutico Orixás no Divã, desenvolve produções que articulam saberes tradicionais, saúde mental e epistemologias afro-diaspóricas. Facilita grupos terapêuticos e formações voltadas a afrodescendentes e cursa Filosofia e Criminologia na Uninter. É fundadora e diretora do Instituto Odù e idealizadora do Projeto Aquilombamente, iniciativas comprometidas com cuidado, memória e reexistência negra. <https://orcid.org/0009-0008-3608-2737>

Um dos principais combates do colonizador europeu para a afirmação de dominação estava relacionado à espiritualidade, à crença, a tudo que alimentava a cultura do colonizado. A religião era a grande arma moral. Os africanos capturados eram forçadamente batizados no cristianismo da Igreja Católica, gesto usado pelo europeu para afirmar a dominação e a submissão do escravizado, e assim apagar o saber e as práticas de fé tradicionais africanas.

Essa encruzilhada-corpo-terreiro é, antes de tudo, território de resistência e cura epistemológica. Curar não é apenas aliviar a dor; é restituir sentido ao corpo ferido pelo epistemicídio, devolvendo à palavra negra seu poder de encantamento e enfrentando a lógica que separou razão e espiritualidade, emoção e cosmos, ciência e axé — religando o que foi rompido

Os saberes que brotam do terreiro nascem das frestas, dos becos, das margens, dos corpos e dos sonhos. São saberes de travessia, de quem aprendeu a dançar sobre a dor e transformar sofrimento em potência criadora. O terreiro é, nesse sentido, a universidade do axé, onde o aprendizado acontece pelo corpo, pela música, pela partilha, pelo olhar e pelo silêncio cheio de vibração.

A metodologia adotada neste ensaio é qualitativa, teórico-poética e decolonial, articulando fundamentos da Psicanálise, da filosofia africana e dos saberes de terreiro. A escrita se configura como prática de escuta e tradução simbólica, utilizando a metáfora da encruzilhada como procedimento metodológico e interpretativo. Assim, a construção teórica emerge da confluência entre reflexão crítica, experiência espiritual e prática clínica afrocentrada, fazendo da escrita um gesto de escuta e de cura.

Na Psicanálise Amefricana², essa encruzilhada se traduz na escuta — uma escuta que não se contenta com o *Eu* isolado, mas acolhe o *Nós* ancestral, reconhecendo o inconsciente como território cósmico e o corpo como terreiro de forças vivas. É nesse encontro entre clínica e encruzilhada que a palavra se torna oferenda, o sintoma se transforma em enigma sagrado, e o analista se faz guardião do axé e do Orí.

² O conceito *amefricana* é proposto pela autora Lélia Gonzalez (2000) que articula África e América como continuidade histórica e cultural da experiência negra diaspórica.

Como afirma Ratts (2006, p. 63),

Beatriz burila o termo Orí, como relação entre intelecto e memória, entre cabeça e corpo, entre pessoa e terra, correlação adequada para se interpretar numa única visada restauradora a desumanização do indivíduo negro e suas possibilidades de reconstrução de si, como parte de uma coletividade.

O objetivo dessa travessia é reencantar o pensar e (re)potencializar o viver, tensionando para compreender os ensinamentos do terreiro sobre o cuidado e contracolonizando o imaginário que inferioriza e demoniza as tradições negras.

Na boca da encruzilhada, a pergunta se impõe: quem se beneficia dos discursos que hierarquizam e normalizam o racismo, patologizando corpos e deslegitimando saberes? Reencantar, aqui, é afirmar que o terreiro é ciência, filosofia e análise; que o axé é também um método. Na encruzilhada, o saber negro cura – porque reconecta o sujeito ao cosmos, à ancestralidade e à alegria de existir.

A Boca da Encruzilhada e a Escuta da Ancestralidade

A Psicanálise Ameericana está na encruzilhada, na boca de Exú³.

Como afirmam Raimundo e Hinkel (2022, p. 11) “ele é o primeiro, mas também o último, é o mensageiro, o comunicador, aquele que mora na encruzilhada e dinamiza o axé do universo. É ele o motor que propulsiona e dinamiza a cosmologia lorubá”.

A Psicanálise Ameericana emerge onde o inconsciente fala com sotaque de axé, onde a escuta não se limita à fala do sujeito, mas se abre à voz dos ancestrais, dos orixás e das memórias coletivas que habitam o corpo negro.

Enquanto a Psicanálise europeia nasceu do silêncio burguês europeu, a Psicanálise Ameericana, referenciada em modelos africanos, também brota da fala encantada do povo de terreiro — fala que não é apenas linguagem, mas gesto,

³ Frase proferida pela autora, Kizye Lins (2025), durante a aula “Filosofia da Malandragem”, ministrada na Formação em Clínica Decolonial Afrodiaspórica.

canto e ritmo. O inconsciente, aqui, não é depósito de repressões, mas território de presenças; espaço vibrante de ancestralidade, de Exús e Pombagiras, de arquétipos vivos entre o visível e o invisível (GONZALEZ, 2020, p.151).

Essa escuta, encantada e política, recusa o modelo universalizante do “homem moderno” freudiano e afirma o sujeito amefricano em sua complexidade viva. A escuta amefricana acontece em roda, não no divã solitário; nela, o silêncio deixa de ser falta para tornar-se axé em repouso — pausa sagrada onde a palavra se prepara para nascer.

Do Inconsciente Colonial ao Corpo-Terreiro

A experiência do trauma negro não pode ser analisada pelas mesmas categorias aplicadas por Freud ao homem europeu. O inconsciente negro é atravessado por marcas coloniais, mas também por resistências espirituais e memórias de reencantamento. Como aponta Rufino (2019, p. 12), “a colonização é uma engenharia de destroçar gente, a descolonização, não somente como conceito, mas enquanto prática social de luta revolucionária, deve ser uma ação inventora de novos seres e de reencantamento do mundo”.

Se a Psicanálise ocidental nasceu do interdito (Édipo, repressão, culpa), a Psicanálise Amefricana nasce do desencante — do ato de reencantar a vida. A cura não se dá pela interpretação, mas pela reativação do axé vital. O corpo torna-se terreiro: território simbólico e espiritual onde as forças ancestrais reequilibram o que foi fragmentado pelo racismo (SIMAS, RUFINO, 2018).

O epistemicídio produziu uma clínica do adoecimento. O terreiro é o antídoto desse veneno: é o espaço do reerguimento da alma. O psicanalista amefricano não é intérprete neutro, mas guardião da escuta de axé, compreendendo o sintoma como encruzilhada: ponto de encontro entre passado e presente, visível e invisível, o Eu e NÓS.

O Terreiro como Clínica e o Encantamento como Método

No pensamento amefricano, o encantamento é método e ontologia. Encantar é religar o que o mundo colonial separou — corpo e espírito, fala e canto, razão e emoção. Cada gesto no terreiro é gesto de cura: o toque do atabaque regula o tempo do coração, a oferenda organiza a energia vital, o transe revela que o inconsciente é espaço cósmico.

A Clínica Amefricana transforma o cuidado em ritual de restituição: a escuta se torna roda, a palavra se torna canto, o *setting* terapêutico é terreiro simbólico. O analista amefricano não busca “corrigir” o sujeito, mas acompanhar sua travessia de reencantamento, como Exú, mensageiro entre os mundos – psíquico e espiritual, individual e coletivo.

O terreiro, enquanto epistemologia da encruzilhada, ensina que o sofrimento não é desvio, mas convocação à transformação. A cura se dá quando o sujeito se reencontra com sua ancestralidade, descobrindo que o axé que o sustenta é mais antigo que o trauma.

A Ética do Axé e a Política do Encantamento

A Psicanálise Amefricana é ética porque reconhece que a escuta também é política. Não há neutralidade quando a dor tem cor. Escutar o povo negro é ato de restituição epistêmica, permitindo que a boca coletiva da encruzilhada fale de si, por si e para si.

A clínica amefricana afirma que curar é insubmissão. Ser saudável, para o sujeito amefricano, não é ajustar-se ao mundo racista, mas criar um novo mundo. O encantamento é o nome clínico da liberdade: a possibilidade de ser inteiro, mesmo depois de ter sido partido. De acordo com Machado (2014, p.131) o Encantamento, é “por onde posso reverter a ideologia ocidentalizada”.

Enquanto o modelo ocidental interpreta o sintoma, a Clínica Amefricana dança com ele; enquanto o discurso da branquitude tenta traduzir o sagrado, a

escuta de axé busca honrá-lo. No lugar da cura normativa, propõe-se a cura encantada – feita na relação, na música, na palavra, na oferenda, no pertencimento.

Encantamento como Devir e Travessia

O encantamento é travessia: o “sim à vida” de Exú, o sopro de Oyá, o riso de Pombagira. O encantamento é o exercício radical da liberdade negra – liberdade de sentir, de criar, de sonhar, de existir fora da gramática colonial do sofrimento.

Encantar-se é afirmar a vida mesmo depois da morte simbólica que o racismo impõe. É devolver à existência negra sua potência criadora e espiritual, negada pela racionalidade branca e patriarcal. No terreiro, o encantamento não é um estado místico separado da realidade: é o próprio modo de viver o real. É o instante em que o corpo dança e, ao dançar, traduz o cosmos. Quando Oyá sopra, o tempo se move; quando Exú ri, o mundo se reorganiza; quando Pombagira gira, o desejo se torna caminho.

Na Psicanálise Amefricana, o encantamento é processo terapêutico e ontológico. Ele não é um ideal a alcançar, mas um devir em movimento, uma travessia constante entre o que fomos forçados a ser e o que podemos novamente nos tornar. É o reencantamento do Eu despedaçado pela violência colonial, o retorno do sujeito à sua dimensão cósmica e coletiva, é o acordar do “Eu” que habita o corpo negro, é o acordar de Exú (SODRÉ, 2017, p.175).

Cada sessão é um pequeno ebó⁴ de palavra. Cada escuta, uma oferenda. Cada silêncio, um canto que ecoa do ventre da ancestralidade. A Clínica Amefricana compreende o encontro terapêutico como um micro terreiro, um campo de axé onde o cuidado se manifesta como energia, presença e gesto. A palavra falada é alimento, e o escutar é ritual. Cuidar, portanto, é um ato de reencantamento do mundo.

O encantamento devolve à Psicanálise o que ela perdeu ao se tornar instrumento da modernidade: a dimensão do mistério, do invisível, do sagrado. Ele

⁴ Ebó: encontro, ritual iorubá de oferenda e purificação que simboliza o restabelecimento do axé e o equilíbrio entre corpo e espírito.

reintroduz na clínica o que foi exorcizado pela razão colonial — a espiritualidade como força de elaboração. Quando a escuta acolhe o invisível, ela se torna política e poética. Quando a clínica se abre ao axé, ela se torna ato de restituição: restituição da humanidade, da fala, do corpo e do pertencimento.

O encantamento é também travessia porque exige coragem: atravessar as dores do colonialismo, confrontar as marcas da diáspora e, ainda assim, manter acesa a chama da criação. O encantamento é o contrário da resignação; é o que impede o desespero. Ele é a alquimia da dor em beleza, da perda em sabedoria, do trauma em axé.

Na travessia encantada, o terapeuta não é o mestre do saber, mas o guardião da escuta. Ele acompanha o sujeito no rito de lembrar-se de si. O encantamento se torna, assim, ato político de reapropriação da alma — uma recusa à desumanização e uma celebração da continuidade.

O devir-encantado é um convite:
a psicanálise reaprende a dançar,
o inconsciente volta a cantar,
e o cuidado se faz corpo, tambor e palavra⁵.

No ritmo da encruzilhada, o encantamento é a forma mais alta de cura: porque cura sem negar o conflito, e ama sem prometer salvação. Ele apenas abre o caminho – e nos ensina, como Exú, a atravessar.

Exú e a Escuta Cósmica

A escuta amefricana é um gesto que atravessa corpo e cosmos. Ela reconhece no sensível um campo de saber e no corpo um território de axé. O ouvido, a pele, a língua e o olhar tornam-se canais de comunicação entre mundos. O conhecimento, aqui, não é abstração, mas vibração. Escutar, nessa perspectiva, é estar em estado de presença: o corpo do terapeuta se torna também instrumento ritual, tambor que responde, espelho que reflete, portal que se abre.

⁵ Frase proferida pela autora, Kizye Lins (2025), durante o módulo “Orixás no Divã”, proposto e ministrado na Formação em Clínica Decolonial Afrodiaspórica.

Nesse sentido, Paulo Petronílio Corrêa (2024) nos lembra que Exú é a expressão máxima da escuta encarnada e da inteligência sensorial.

Exu é a visão, por ser o olho que tudo vê e tudo observa. É a audição, pois Exu é a inteligência para escutar o outro, para acolher em si o caos que vem de fora e o movimenta. Ele é o tato, pois nos faz aprender através da sensibilidade do toque. Ele é paladar, pois a boca nos faz provar, experimentar os prazeres da vida, repulsar e acolher o alimento, o doce, o salgado. Pela língua mostramos o que gostamos ou não e discernimos a sensação do gosto. A boca carrega em si uma complexidade maior, pois além de abrir o caminho da fala, a voz que provoca algo no outro, repulsa, aproxima. Desse modo, Exu nos leva ao ápice da experimentação do caos criativo (CORRÊA, 2024, p. 73-74).

Essa citação revela o princípio de uma epistemologia sensorial do axé: conhecer é experimentar, tocar, ouvir, provar, falar – e deixar-se afetar. A escuta, nesse campo, não é uma técnica analítica de observação distanciada, mas uma prática encantada de envolvimento com o que pulsa. Exú inaugura, assim, uma ontologia do sentir, onde o corpo não é instrumento da alma, mas extensão do espírito.

A escuta amefricana é, portanto, escuta de Exú — escuta que se abre ao caos criativo do outro sem a pretensão de ordená-lo. O analista amefricano acolhe o desvio, a contradição, a multiplicidade, sabendo que o saber nasce da encruzilhada e não da linha reta. Escutar é atravessar-se. É permitir que o encontro com o outro desorganize a rigidez do Eu e, a partir do movimento, faça emergir algo novo.

Na clínica ocidental, a escuta tende a buscar sentido; na clínica amefricana, ela busca sentido e axé. A palavra não é apenas signo – é energia, vibração, sopro. Por isso, cada fala é uma oferenda, e cada silêncio é tempo de axé, repouso fértil onde o verbo amadurece antes de nascer.

Exú nos ensina que escutar é um ato de fé: fé na força vital que habita o caos, fé na linguagem como ponte entre mundos. Escutar é também comer o mundo – degustar o amargo, o doce e o salgado da existência – e, como na ritualística do terreiro, transformar o alimento em cura.

Na Psicanálise Amefricana, a escuta é encantamento em ação: ela cria realidade. Quando o terapeuta escuta com o corpo inteiro, ele convoca a dimensão do axé, reinstalando a palavra como força de criação. A escuta, então, torna-se ritual de travessia, uma forma de devolver à clínica o que ela perdeu: o poder de reencantar o humano.

Assim como Exú, essa escuta se move entre mundos, traduz o inominável e faz da palavra uma oferenda. O silêncio, longe de significar falta, é tempo de fertilidade – o ventre simbólico onde a cura se prepara. Escutar, na Clínica Amefricana, é abrir caminhos: é acompanhar o sujeito em sua travessia de retorno à própria energia vital, à ancestralidade que o sustenta, ao axé que o reergue.

Exú é o princípio e o fim da escuta — aquele que abre os ouvidos da alma e os caminhos da linguagem. Escutar com Exú é permitir que o verbo se faça corpo, e que o corpo volte a falar a língua do mundo.

BATUQUE DE SABERES: o Corpo que Pensa

Este batuque é o compasso da travessia entre a clínica e o terreiro. Aqui, pensamento não é abstração, mas movimento que pulsa no corpo, no som e na palavra. O estudo revela que o terreiro, compreendido como corpo coletivo e cósmico, é espaço de elaboração do inconsciente negro — lugar onde o trauma colonial é atravessado, dançado e feito em axé. A escuta amefricana manifesta-se como prática de restituição da humanidade: nela, o verbo cura, o corpo recorda e o silêncio fecunda.

A análise mostra que o encantamento, mais do que metáfora, é um método: uma ontologia viva que permite ao sujeito reencontrar-se com o mistério da vida e reconhecer-se como parte de uma coletividade ancestral. O batuque é pensamento em ritmo; é o corpo lembrando que saber também é sentir.

Os resultados apontam que a cura, no horizonte amefricano, não busca normalizar, mas libertar. Cada palavra é oferenda, cada gesto é rito, cada sessão é encruzilhada. O pensamento que se dança é também o que se cura. A limitação maior talvez seja a própria linguagem — sempre pequena diante da vastidão do axé.

Ainda assim, o texto confirma: quando o saber gira em roda, o mundo volta a respirar, e o cuidado torna-se canto.

O ÚLTIMO EBÓ — Encantamento como Continuidade

A encruzilhada é a boca aberta do mundo. Lugar onde a Psicanálise e o terreiro se olham, se reconhecem e se transformam. De um lado, a escuta, do outro, o tambor. Entre ambos, o corpo negro – atravessado por memórias, por orixás, por cicatrizes e por canto. É neste espaço de encontro e confronto que nasce a Psicanálise Amefricana, não como adaptação da Psicanálise à cultura negra, mas como refundação da escuta a partir da experiência negra do mundo.

O estudo teve como objetivo propor a Psicanálise Amefricana como prática clínica e epistemológica ancorada nos saberes de terreiro, demonstrando que o encantamento pode ser compreendido como método de cura e resistência. Os resultados indicam que a integração entre Psicanálise e cosmologia afro-brasileira amplia o campo da clínica ao incluir o corpo, o axé e a ancestralidade como dimensões indissociáveis da escuta.

A Psicanálise Amefricana é o sopro de Exú que descoloniza o verbo. É o riso de Pombagira que devolve erotismo à palavra. É o vento de Oyá que abre caminho entre as ruínas da razão ocidental. Ela se faz nas frestas, nas bocas que o colonialismo tentou calar, nas histórias que resistiram à brancura do esquecimento.

No encontro com o terreiro, a clínica reaprende a girar. A cura deixa de ser meta individual e torna-se ritual coletivo de reencantamento. A escuta deixa de ser técnica e volta a ser gesto, presença, corpo. O terapeuta se torna griô, intérprete do invisível, mediador entre mundos — um Exu da escuta.

A encruzilhada é também um espelho: nela vemos o reflexo de nossas feridas, mas também o brilho dos nossos deuses. É nesse espelho que o sujeito negro se reconhece não apenas como sobrevivente, mas como herdeiro de uma sabedoria cósmica. O terreiro, com sua pedagogia da circularidade, ensina que o sofrimento pode ser transmutado em axé, e que toda dor quando nomeada com respeito e cuidada com beleza, se torna canto.

As implicações práticas deste estudo apontam para a necessidade de uma clínica comprometida com a justiça racial, com a espiritualidade e com a reconstrução de vínculos comunitários. O terreiro, enquanto paradigma de escuta, pode inspirar práticas terapêuticas, educacionais e sociais voltadas para o cuidado integral da população negra.

A Psicanálise Amefricana não busca normalizar, busca liberar. Não interpreta para explicar, mas para devolver sentido. Não cura pela ausência, mas pela presença. É uma clínica de corpo inteiro, onde a palavra é canto e o inconsciente é tambor.

Na encruzilhada final, o que se revela é um novo paradigma do cuidado, que não se limita ao indivíduo, mas se estende à comunidade, à ancestralidade e ao cosmos. Curar é aquilombar-se. Escutar é ofertar-se. Cuidar é reencantar o mundo com o axé das palavras e o silêncio das presenças.

A Psicanálise Amefricana e o terreiro são confluência⁶ – dois rios que se encontram no mesmo oceano, o oceano da memória e da travessia. Um nasce do verbo, o outro do tambor – ambos alimentam a correnteza da vida preta. Quando se tocam, as águas do saber e da fé se misturam, formando um só corpo de cura, uma maré que leva e traz histórias, sonhos e orações.

Na boca da encruzilhada, tudo se mistura: dor e festa, luto e dança, trauma e renascimento. O tambor é palavra em movimento, o verbo é corpo que pulsa. Entre eles, Exú mantém o equilíbrio do mundo – mensageiro do caos criativo, guardião dos caminhos, riso que devolve à vida seu sentido de jogo.

E Exú, sentado sobre o tempo, sorri. Sabe que a travessia continua. Porque a travessia nunca termina – ela apenas muda de forma, de ritmo, de corpo. Encantar-se é existir. E existir, para o povo preto, é o maior dos encantamentos.

Existir é o último ebó: o gesto de oferecer-se à vida, de devolver à terra o que dela se recebe. É dançar sobre as ruínas e fazer delas chão fértil. É lembrar que o axé não morre — ele se transforma. A travessia segue, como segue o rio que retorna ao mar.

⁶ Confluência: encontro de saberes e forças que se atravessam sem se anularem, produzindo novas formas de existir e curar.

O texto termina, mas o canto permanece.
E no eco desse canto, o mundo se refaz.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Paulo Petronílio. **Encruzilhada**: a boca da [r]existência. *ouvirOUver*, [S. l.], v. 20, n. 1, Jan. 2024. DOI: 10.14393/OUV-v20n1a2024-67054. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/67054>. Acesso em: 31 out. 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e Encantamento como Inspirações Formativas: Filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira**. UFBA Salvador / Bahia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16155>. Acesso em: 27 out. 2025.

RAIMUNDO, Mahasiãh; HINKEL Jaison. **Exu e a noção lorubá de pessoa: saberes e lições para a existência humana**. Revista da ABPN • v. 14, n. Ed. Especial. Out. 2022, p. 7-33. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1401>. Acesso em: 31 out. 2025.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato, A Ciência encantada das macumbas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.